

praf^ora

alexandre pilati

prafó^{ra}

7 LETRAS]

© 2007 Alexandre Pilati

Produção editorial

Debora Fleck
Isadora Travassos
Jorge Viveiros de Castro
Marília Garcia
Valeska de Aguirre

PILATI, Alexandre

Prafóra / Alexandre Pilati – Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ISBN 978-85-7577-363-5

1. Literatura brasileira – poesia. I. Título.

CDD 869 1B

2007

Viveiros de Castro Editora Ltda.
R. Jardim Botânico 600 sl. 307
Rio de Janeiro RJ CEP 22461-000

Tel. (21) 2540-0076
editora@7letras.com.br
www.7letras.com.br

SUMÁRIO

primeira parte

ah!... se não fosse essa minha habilidade já famosa...

Pequena.....	11
Radical livre.....	12
Vida besta!.....	16
Retirante.....	17
A uma caixa de canetas.....	21
A rigor.....	23
Balada.....	24
Com a broxa na mão.....	25
Trava, língua!.....	27
À francesa.....	28
Escansão.....	30
Truísmo.....	31
Secos e molhados.....	33
Escusa.....	34
O mundo coberto de cana.....	37

!Breque

...que a geral sabotagem impede ter termo esse samba...

Um meio bem nosso.....	47
------------------------	----

!Breque

...não coloquei seu nome aqui para dizer que você está ausente....

segunda parte
mas que patifaria, hein, ô?!

Exenteração.....	55
Por acaso, um aviso.....	56
Agrobusiness.....	57
Auto-escola.....	58
Proibido estacionar.....	59
A causa secreta.....	60
Pra que serve?.....	61
Estátua morta.....	62
A nível de lei.....	63
Fé demais.....	64
Filosoficamente profundo.....	65
Do pó viestes.....	67
Lonely delivery.....	68
Um romancesinho portátil.....	69
15 segundos de fama.....	70
Estrelas são bolas de gás.....	72
Se eu morasse na finlândia.....	73
Luminária.....	74
Desquite.....	75

Isto, que parece um simples inventário, eram notas que eu havia
tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

Brás Cubas

Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,
E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.

Álvaro de Campos

PRIMEIRA PARTE

ah!... se não fosse essa minha habilidade já famosa...

PEQUENA

em minha letra confusa
(restos de um coração difuso)
tateio teu nome sem tocá-lo
com o ritmo da cidade
que esnobe nos devora
em distância e ruidosa mudez

com as frias giletes
de privilégio
do papel
tento rasgar
em teu peito
a doçura de uma sereia
que vive alheia ao caos
de meus olhos talhados
de pão, rosas e povo

RADICAL LIVRE

Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu morreu
O azar foi seu

Lá em cima
de meu armário
(perto do céu
e do coração)
espera-me
espreita-me
numa fresta da festa
meu paciente violão

...pleno de veneno...

Lá em cima: apenas um filete de objeto – mudo ciclope.
Na foto que tiras de mim
ele não aparecerá.

– É meu segredo: meu azar –

Sempre olho para ele cúmplice
das cordas rompidas
da imobilidade elegante
do respeito que impõe a ti
mesmo assim quase oculto.

(O exemplar comportamento nosso:
conformados como um quadro
no pequenês quarto burguês
um adorno de pinho morto
cancro sutil de sóbria purpurina)

E ele me olha sempre – super ego surdo –
do oco
fundo
de sua quase
morte.

Temo-o.

E temo os cachos de cascavel
que cochicham
dentro do
inviolável bucho
a morte da canção.

Outrossim cultivo
calos aguerridos
na ponta de cada dedo
para tocar em suas cordas
(Quem sabe?!)
o falso alarme da ressurreição.

Esperamos nós dois
– madeiras tratadas sob capa blindada –
outra vez
rebentar
a
ditadura militar...
ou qualquer outra forma
de relativo terror

contra a qual se lute
com certeza do lado
do bem.

Aí poderemos
fazer sensacionais
canções de protesto.
Canções do contra
contra a tortura,
contra a censura,
contra a opressão.
Ah! Brilhar em festivais!

Por enquanto, continuamos:
i) andando assim
quietões, tímidos e sem jeito
no glorioso
recesso da ironia;
ii) suportando as forças
do ressentimento
machado em nossa orelha
que se fende
e fede
no meio do fogo
cruzado vil
de uma neoliberal
guerra
de almofadas,
atiçada pelo telejornal;
iii) descartando a poesia;

iv) procurando
a fama
em algum desvão do dormitório
com o faro
de parlendas
nutridas por um parnasianismo
que não passa.

VIDA BESTA!

o silêncio soterrado em algumas sílabas atestava nossa ruína interior. dois fuscas e uma Brasília, além de outros privilégios, diziam que Cuba já não era tão livre e que nós sequer éramos Cuba. trombetas mudas emudeciam os homens e nossa casa, nossa cidade, nosso país eram uma cozinha simples com os azulejos amarelados nas paredes brancas, perfeitos como um filme super-8, cheio de granulados negros. negra, quase escura, era a avó; e três ou quatro negrinhas, quase brancas, nos serviam, ao fim da tarde, café, pão e bolos que nunca acabavam; uma preta do maranhão fazia o bom almoço. o avô, funcionário público. todo mundo naquela época parecia um pouco funcionário público. nossa mediana altura ditava o tom do alcance de nossas vidas. me doía qualquer coisa que eu não sabia. subia do vime das cadeiras? do tanque? da tábua de passar roupas? do nosso desamparo feliz? a face de lei do pai tinha pestanas de ternura. nossa vida andava imperfeita, num 3º andar do 3º mundo, no meio do edifício, numa esquina claro-escuro do planeta. na sala, havia anistia pela tv – distante sala. todos já sabíamos nos fechar com excelentes fechaduras. a mãe nos ensinava a naturalidade de gritar com os serviçais. poucas eram as luzes e nos habituamos, facilmente, ao lusco-fusco florestal da capital. a picardia adornava nossos colos, verdadeira rubro-negra força de uma cobra coral. a porta da rua, sem rua, era longe e sem horizonte. dentro ou fôra dali, talvez, alguém soubesse (um de nós?), secretamente, que a família teria fim e que o país que pulsava em nossas ventas era ininteligível, ainda que tivéssemos ajuda de ecos, sombras, brisas e alguma poesia.

RETIRANTE

eram veredas mortas
o mestre andava
a avenida velhice

amassava
na chuva
as patas sujas
suas, suadas
da lama
das respostas resolutas

a gaveta de seu ventre guardava enganos
e surdez
voz
timidez
zzzzzzz

corpus

darstellung

da capo

aufklärung

introuvable

rissorgimento

gadgets

narodnosz

rattrapage

mas ninguém não ouviu
n'cranada não
dãodarãodãodão
– um sino batendo, que deus mordeu a maçã e morreu
ou eram gotas de violão? –

em falso
abafou-se a fala
afogada na língua do ão

deu zebra!
é que tinha
uma contraforça
física contravoltagem
contra
sua vontade do contra

no meio da glote uma bolha
balão de saliva e veneno
empurrando a idéia pra dentro

o pó companheiro
que compôs-lhe a vida
provocou-lhe poesia

e o mestre disse
oportunamente
o fundo e
pequenino
poema

PORRA!©

alimentou os cães e o ego com filosofia
restou-lhe a inanição do silêncio
do silêncio
do eco
do silêncio

bagaceira abandonada
conveniência de madrugada
vão d'esquina de faroeste
lunar do sertão do nordeste

seu engenho de fogo morto
sua arte, engodo e espermicida,
já não gerava nada
apenas girava

caçou na capanga qualquer coisa
sacou só retratos, miríades de espelhos
nada de armas, ensaios, política ou dinheiro

lembrou que a criança que era
quisera ser trapezista
mas sempre fora homem da terra
destituído de malabares

e desistindo, desexistindo...
compreendeu que o rei estava nu
não teve coragem de pronunciar alto
impresavelmente
a revolta violenta

então definitivo soluçou:
a monossilábica rima
não era uma solução

A UMA CAIXA DE CANETAS

Vós, duas imponentes canetas,
que versos virão de vós? –
cúmplices complicadas de meus leves delitos.

Desta eloquência líquida que encerrais
surgirá, em riscos garranchosos e negros,
a miséria de minha vida?

– haverá tamanho espaço em branco,
f^ora de vossos ventres, para tanto contraste?

Cortarei convosco,
com vosso punhal de esperança,
o peito de aço de Che Guevara?

Ornarei convosco a sala
em que me velarei vivo
com flores imemoriais?

Vós, respeitáveis canetas,
moeríeis o bom de minha vida
na mó das rugas de um velho cão?

Choraríeis vós, comigo,
o primeiro choro de amor de minha filha?

Seríeis capazes, sérias canetas, de dar abrigo
e pão a meus soluços desvairados?

Desconfio, irretocáveis canetas,
(caríssimas canetas de metal barato)
que vós sois eu, no fundo
espremido no oco desta pequena caixa.
Barata e requintada caixa, caixão de anjos,
que passa de mão em mão e não se contamina.

Infensas ao contrabando, intocadas pelo cheiro dos homens
imóveis lá dentro, bem sabeis; não disfarçais:
estais a fazer girar, em vossas cabeças loucas
de mercadoria – sem perdão, sem paradeiro –
a máquina de disparates do mundo inteiro.

A RIGOR

... é que aqueles que me fizeram
aqueles que me deram nome e família
aqueles que me cercaram e disseram que me amavam
aqueles que passaram por mim na rua
aqueles que fizeram filhos
aqueles que fizeram gols
aqueles que roubaram, mataram e rezaram
aqueles que pintaram quadros e escreveram versos
aqueles que nunca aprenderam a ler
aqueles que dirigiram automóveis e morreram
aqueles que bateram em minha cara e me beijaram

todos esses e também aqueles outros
que cavaram um buraco na lua
dando a ver o desvalor do mundo
e os que me impuseram à noite
carvão, chuva e desagravos

sempre me olharam desconfiadamente
aprontando entre um molar e outro
um cinzento sorriso de terno e gravata

BALADA

se assusta não, menina
nasci durante a guerra fria
(toda a poesia já estava escrita em 76)

se assusta não, menina
violenta é a tevê

se assusta não, menina
vivo assim suando frio
(pois me resta apenas colecionar brindes, panfletos e promoções)

se assusta não, menina
eu não atiro, só babo
por uma balada que exploda o mundo

se assusta não, menina
que eu junto os restos dele e faço retrato colorido
pra pôr na minha estante ao lado do seu sorriso

COM A BROXA NA MÃO

sou um poeta capitalista
apenas um bêbado peru
à espera do natal no hemisfério sul
quieta alma de turista japonês

giro a frágil chave e encerro-me
no apartamento (sempre em obras)
esperando explodir nos bolsos
uma bomba de efeito imoral

29 milhões de analfabetos
entrementes sabemos
abrem os olhos para o país
que passa equilibrando-se
outra vez
nos tristes fótons da televisão

o sol que tanto queima
encobre-se com o melhor de nós dois:
bexigas e bibliomania
nas barbas dos trópicos azuis

as articulações que me deram
rangem feito engrenagens duras
e nem sequer um piano sou capaz
de carregar nestas corcovas

perdi os nervos pelo caminho
não arreda o pé daqui

insisto em ser
esta estátua manca
feita de antigos ossos humanos

lindo e trouxa, de bronze e gelatina
em contrapartida ao trânsito atonal
escrevo em meus braços, a canivete,
um romance de cordel com triste fim

TRAVA, LÍNGUA!

que trivial almoço em família
que timbre triste desses tigres

cada um contou vantagens demais
um emprego, um prêmio, mil mimos
uma prega, uma praga, mimos mil

um filho, um brilho, um cílio
um tribuno, um tributo, um trapo
um esparadrapo, ai! a aranha arranhando um jarro

fiz mais! fiz melhor! comemos tudo!

tão tristes tigres trinando

ao fim do cafezinho é que o filho
mais velho talvez tenha percebido

algo muito, muito estranho no retrato
em que a família se reúne definitivamente

todo mundo, teria pensado ele, parado
estava com cara de gente morta

ou seria gente dormindo? ou não
seria nada? apenas uma pequena indigestão?

não resolvida a dúvida era melhor
continuar a contar vantagens demais

destravando a língua, triste mímica,
desses tigres de timbre triste

À FRANCESA

nossa noite de desengano e sexo louco
durou mais que um amor deselegante
impedindo por muito, muito pouco
o poeta que sou descer do céu
e abraçar a boemia

a noite (que dilui homens) virou luz na periferia
40 graus tornaram humanamente impossível o meio-dia
e a tarde seca e sem vento avisou que era boa hora

de ir emb^ora anoitecer a^ora

em 2007
os tropicalistas envelheceram
a social democracia fez água
nada saudável dá na tv a cabo
bicho papão pega mais ninguém não
restou-me
entre três milhões de possibilidades
uma corrida em traje vintage
em torno da superquadra
em torno de nossa derrota

correr, correr mansamente
mais que poderia o pulmão fugindo
de uma brasilidade decassílabo

porque
não queria que ninguém soubesse

que abandonaria você numa solene tarde
iniciando minha fuga do país

antes do carnaval
descer do ônibus
e bater sua desmedida alegria
na frente da minha porta

ESCANÇÃO

andando assim distraído ninguém diria camisa
aberta peito cerrado aberto e todas as dores da
multidão silenciosa olhando cartazes escondendo
cartas nas curtas mangas não ninguém
diria o pâncreas sustentando o mundo

bolsos cheios de sangue antigos tostões versos e
verrugas assim aparentando um remoto
controle das funções vitais do corpo desajeito-me em
meio ao festim mas ninguém diria isso não ninguém

ninguém diria assim andando de meu desejo de
encontrar a bula desse realejo debaixo
dos girassóis dos meus cabelos irremediavelmente
rodando ao revés não ninguém diria andando
assim distraído sou apenas ninguém

TRUÍSMO

antes de enlouquecer
seria bom assumir
nossa crosta de falsidade
sob a mercadoria roupa
à flor da primeira pele

de cara limpa dizer
que o presente não tem álibi
que estamos aqui
inexoravelmente
não noutra parte

dado o úmido requinte
de sua audácia
a morte não telefonará
e não dará notícias boas
pois trabalha sem descanso
– está sempre de passagem –

(certamente quando chegar
desacomodará comodismos
sem avalanche ou gritaria
com a mansidão de um truísmo)

aí seria
bom pôr
pra^ora os calos
dá-los ao sol

seria educado
dar na cara da poesia
e gritar contra o fim
inconveniente das ilusões

de dentro
do ventre da mãe
ou do apartamento
antes de nascer
ou comover-se falsamente
diante do telenoticiário poltrão

seria bom gritar contra o talvez
contra o sim e contra o não
sem querer entregar-se
de vez
ao delírio e ao demônio

SECOS E MOLHADOS

definitivamente, não digamos bom dia.
não peçamos desculpas e esqueçamos o feliz aniversário.
não desejemos meus pêsames, nem xinguemos o vizinho.
não solicitemos licença, nem matemos no elevador.
definitivamente, não tiremos bons modos do bolso.
não agridamos mais o juiz, nem a mãe do padre.
controlemos a insultaria, a boa educação, definitivamente.
não digamos meuamor, filhadaputa.
definitivamente, mais que palavra, tudo isso é saliva.
e a nossa há muito já secou com as coisas mais desimportantes.

ESCUSA

re
tiro-me
não vou-me emb^ora
apenas re
tiro-me

como quem
estendido no brejo
retira-se
juntando pelo cinto
a impossibilidade
dos próprios bíceps

como o sêmem
que a custo projeta-se
inventando o gozo no vazio
das cansadas mãos
sem fecundar animal algum
re-tiro-me

com a coragem
de quem evita parapeitos
de quem porta uma arma
de quem olha o sol de frente

de olhos fechados
óculos escuros
retiro-me
para não mais odiar-te

re
tiro-me
e tudo que foi nosso
sumirá do mundo
como se nunca tivesse
possuído endereço
e sonho

os segredos
de cristal e as bandeiras
que tremulavam
fincadas em nossas pernas
virarão uma abstrata
metafísica equação
química de pura lata
invisível e sem valor

re-ti-ro-me
para perder tudo
desaprendi a acumular
segredos:

(jamais cheirarei
tuas roupas
juntando-as do chão
enquanto dormes
ressonando poesia
– em certas horas
é preciso mais que perfume)

não olharei mais para o chão
não ouvirei tua voz

que me manda ser quem não sou
retiro-me apenas
sem dizer adeus
sem pedir perdão

re
tiro-me

talvez nem carregue comigo
estes poemas de azeviche e alicate
embrulhados na memória

espólios
restos e despojos
eu não levarei

em duas pequenas malas
levo apenas os quilos
que ligam meus joelhos
ao mundo

para não precisar fugir
não vou-me emb^ora
re-tiro-me

sem estratégia
sem cálculo
inutilmente:
um tiro no muro
uma flor ao defunto
um sorriso no escuro

O MUNDO COBERTO DE CANA

(Para Bel Brunacci)

José Mário Alves Gomes, 47 anos,
morreu no dia 21 de outubro de 2005
após cortar 25 toneladas de cana para
a Usina Santa Helena em São Paulo.

foste, no mundo, mineiro
e cortaste cana demais.

e teu corpo,
forte árvore morena,
resolveram chamar pela brasileira e estranha alcunha:

José.

José,
amaste três damas?
quiseste uma valsa?
creste em deus?
pactuaste com o cão?
fizeste um samba?
mataste um patrão?

perdão, José: sou grosso, ignorante. por isso, pergunto.
sinto tua falta, como sinto de um irmão.
sinto tua falta.
sei que não sabes disso.

mas quero repetir-te:
sinto tua falta.

sei que não me escutas.

sinto tua falta
como sentirias, talvez, a falta de um poema
em que teu nome batia, tão comum como a cana que cai
levando consigo o trivial peso do universo.

hoje, José, onde estás? será que poderias ouvi-lo?
sei que não.
estás longe, José, e não entendias de estrofes.

e (não é curioso?) a tanta cana que cortaste
arde-me os dedos, pesa-me os olhos, perfura-me os rins.

que fazer por esse José que já não pode mais?
nem mais podes, José, ouvir “e agora?”

dizem que te levou a birola, José.
pra que tanta cana, santa helena?
tanto doce é preciso?

mães celestiais,
vale o doce, vale a cachaça, deixar aqui sem José
talvez três rosas,
cinco marias ou vitórias
e quatro meninas sem nome, sem teto e sem terra?

pra quê?

o amor e a saudade, José,
pesam muito.
pesam e perigam como arma de fogo.

tantas coisas no mundo pesam tanto:
montanhas em minas, o olhar do padraço
as traquinagens de moleque,
a boca fúnebre da noite.

mas nada se compara a
25 toneladas de cana.

25 toneladas de cana
pesam mais que 500 anos.

25 toneladas de cana
pesam oito mil quilômetros.

25 toneladas de cana
são compridas como a mentira.

25 toneladas de cana
significam quantos homens, José?

teu peso no mundo era tão ralo.
quanto pesavas nesta cruel balança?
não incomodavas. eras manso como um peixe manso.
não mudarias a rota do planeta terra.

eras leve; foste breve.
quanto pesavas no mundo, José?

perdão, José. já não precisas de aritmética.
as ciências são frágeis, um dia entenderias.
de nada vale a lei da gravidade, num mundo tão desequilibrado.
nem mesmo a medicina da usina dá conta de 25 toneladas de cana.

a poesia, José, que cabe em meu suburbano coração
pesa só uma tonelada
e nem assim adoça o mundo.

será que me entendes, José?

todos os santos, levem José,
que morreu de excesso de trabalho.
levem José, exausto da birola,
que ele era pequeno demais para 25 toneladas.

e levaram teu corpo, José, para a usina
e os doutores de branco tentaram te salvar.

José, que música ouviste,
enquanto eras carregado
ainda vivo
antes de fechares
os olhos severinos?

que música, José?
que música era aquela,
tão cheia de violinos?

o bruto peito teu não resistiu e sonhou com outros campos.
quiçá com o mar. quem sabe até com minas.

lugares onde não seria preciso foice,
nem aguardente pra agüentar o coice.
nem cana para adoçar o doce,
nem veias pra sentir açoite.

deu um instante e a terra parou, José.
e a terra parou para ti.
e tua vida prestes se queimava:
cigarro de palha, palavra no vento.
tua vida, José, tu a perdeste
nos dentes do trabalho.

morreste de trabalho.
morreste com calos imensos nas secas mãos.
morreste como morre uma pedra:
sorrindo duramente para todo o sempre.
morreste de trabalho. e nem escravo eras.

estás hoje, José, nos jornais, que dizem apenas “não resistiu”.
morreste com dor, José, sem ouvir os gritos dos companheiros,
sem ouvir o nosso longínquo sussurro: “e agora?”.

não se sabe de tua mulher, de teus filhos, de teus medos,
dos sorrisos que guardaste, da comida que preferias.
e, principalmente, ignora-se tudo
de teu couro cabeludo,
que secretava girassóis,
e de teu alado fígado,
que produzia margaridas...

não andaste de avião, não leste romances que falam de ti,
não pregaste ninguém na cruz.

tua foice colhia cana; nunca cortou cabeças.

quanto pesariam, José, 25 toneladas de cabeças
arremessadas no espaço por tua foice?

José, morreste sem nos responder:
quanto pesam toneladas de mundo
nas pequenas mãos de um brasileiro?

e aí estás: brasileiroamente estendido no chão
(eu não te vi, que não houve foto no jornal)
– a máquina de sonhos que eras parou,
sem travar as metas da usina. –

25 toneladas de cana, José.
era muito, meu caro.
eras barato, eras feito de brisa.
leve José,
como não entendeste?

que deu em ti? não eras formiga:
25 toneladas de cana
eram demais.
talvez ninguém soubesse disso,
nem tu mesmo, José.

e eu, José, que sei eu de ti?
eu que sou tão pouco.
que sabias de mim,
eu que sou tão mouco?

eu, com este sorriso de rato,
quem sou para interrogar, José?

eu que não sei de nada,
que não te deixo descansar,
continuo a perguntar:

por que me doem tanto
7 quilos de tristeza,
se há vidas que sobem ao céu
levando, como pluma,
mais de 25 toneladas de doce cana
de açúcar brasileira?

descansa, José.
descansa, meu avesso irmão.
não me respondas.
descansa, José.
há muita cana pra cortar.
descansa.
o mundo está coberto de cana.

!BREQUE

...que a geral sabotagem impede ter termo esse samba...

UM MEIO BEM NOSSO

...eu juro que fui eu senhores jurados sim fui eu mesmo que quis ser igual a vocês tentei tentei e consegui illustrei-me na ilustração e lustrei-me de ilusão safada e por isso é que vocês não me aceitam me relegaram à culpa nesse país em que lei nenhuma pega essa lei muito nossa me pegou e por isso juro que sou culpado assim como vocês por isso querem que eu não apareça e dizem que eu perdi fui eu sim quem transou com a puta quem se enfeitou para ela como um namorado quem esperou dela beijo na boca e para mim que ela disse apenas nosso pagamento é adiantado meu bem meu bem uma ova sim fui eu quem lhe levou flores e botou para ela o melhor terno e o melhor perfume e é claro os duzentos reais que se esvaíram em dez minutos de pressa e culpa nesse país não pega lei a única lei irrevogável é a lei da porra que nesses tempos de camisinha e dna tem claudicado pra caralho mas o que é que fiz de diferente de vocês fui eu que escavei o ouvido de meus irmãos com uma doída agulha para falar-lhes o melhor de meus poemas enquanto o sangue vertia mas senhores do júri eu serei as feridas com mel mel dos melhores que era para ver se algo curava também dentro de mim eu juro que fui eu mas quem de vocês já não andou por aí com alicates e alfinetes escondidos nas mangas desejando ferir a língua e os ouvidos daqueles que não os ouvem fui eu senhores jurados que joguei charme para mim mesmo diante do espelho e transformei minha essência canalha de filho-família em um visgo vesgo e branco olhando meu alto poder de alto abaixo no reflexo convoquei minha mão mão mão mão mão mão mão mão mão mão mão e

mais nada nada mais do que o gozo solitário para mandar emb^ora a solidão inútil em que a gente está imerso no século XXI senhores do júri eu que acreditava tanto que o mundo ia acabar no ano dois mil e dez hoje acredito que ele não tem mais fim apesar de estar assim todo errado com a semeadura colonizada pela globalização sim fui eu que não perguntei mais pelo filho da faxineira e alguém faria isso no meu lugar que eu sabia que estava metido com drogas seria talvez até um traficante mas o que eu tinha medo era de que ele já tivesse morrido nalgum tiroteio com a polícia e eu não agüentaria ver a cara dela de mãe que já não prestava pra nada porque nunca tinha prestado pra nada dizendo que aquele fiapo de gente de nome americanizado tinha morrido com quatorze anos de idade meu sangue todo não agüentaria aquela dor pergunto agüentaria o ralo sangue todo positivo de vocês que acham que isso é apenas um capítulo de clarice lispector pois é mas não é é um processo judicial com linguagem altamente protocolar e reificada e vocês vão me culpar porque eu sou igual a vocês roupa e pele sem tirar nem pôr e eu gosto de vocês sem tirar nem pôr no lugar de vocês eu me lincharia e exibiria o belo cadáver esquartejado no museu nacional e quem de vocês que está aí me julgando é você mesmo aí de olhos azuis livros pós-modernos no sovaco e essa pança que também carrego carregada de podridão que não serviria nem para uma buchada num momento de carnificina e barbárie que não ocorrerá porque somos pacíficos dóceis indolentes é você não vire a cara não que foi você quem me ensinou a empáfia e hoje sou cheio de cicatrizes fui eu que como você passei no pão toda manhã o creme anti-rugas que estava no toucador que era pra ver se eu conseguia viver um pouco mais jovem por dentro e apanhei foi uma intoxicação fodida

mas emagreci bem e isso é bom numa era anoréxica dos pés à cabeça fiquei burguesamente fininho e refinado tivesse eu ouvido vocês antes e eu entenderia que os anos passam e o que fica são os ânus engolindo e jogando fôra a única matéria que interessa e garante a vida nesta merda de planeta neste país escroto perpetuando a espécie besta fui eu que disse que tinha a mesma idade de david beckham mas eu errei eu não tenho essa idade coisíssima nenhuma eu tenho a idade de vocês que carregam este colar no peito dizendo fechado para almoço procure entender e outras cositas más tão cínicas quanto sorria você está sendo filmado todos nós nos chamamos Raskolnikov e o que mais fiz foi procurar esse significado maldito essa dispersão dos subalternos e por isso sou culpado transformei sim seus ideais em badulaques perversos e cordiais mas todos fazem isso especialmente quando a fama está em jogo eu xinguei vocês de filhos da puta antes de entrar aqui e acho que deveria fazê-lo agora cara a cara mas tenho medo de me ofender demais sei que pagarei a pena sei que levarei comigo esta chaga este estigma este ser-não-ser nada hamletiano pois o escroque daquele príncipe da dinamarca tinha pai e nós passamos a vida tentando esconder nossa paternidade esta matéria que oscila dentro de mim esta anomia que está por trás da tela hollywoodiana de meu sorriso de classe me faz culpado tanto quanto vocês bate como o pêndulo ou o cuco de um anúncio comercial de absorvente feminino não há integridade não há instituição não há autonomia meu ser assim como o de vocês vagueia entre dois lados de uma moeda rachada e perdida no caos nosso príncipe é uspiiano e fala não sei quantos idiomas para ele ser ou não ser é uma questão de devaneio antes fôssemos cães antes fôssemos mato queimado mas a gente gosta é dessa bosta de ser a gente mesmo e por isso a gente é culpado

perverso eu e vocês somos serpentes que arrotam revolta
privilégios e veneno por isso sou culpado eu juro eu e o júri
por isso vocês me prendem com essas algemas de gelatina
sintagmas do subdesenvolvimento que é pra me dar chance
de escapar mas eu quero escapar não meu testamento é
minha culpa e eu juro que este meio é um poema pra vocês...

!BREQUE

*...não coloquei seu nome aqui para dizer
que você está ausente...*

segunda parte

mas que patifaria, hein, ô?!

EXENTERAÇÃO

seja bacÂna
dêitE na minha cAma
FLaMA!
bacanaliZe-se
deixe os aleXandRinos
desCreia dos marginÁis latÍdos
deixe que bÊrreM!
éRRem!
érreMMM!
submÊta-se à sÍncope
(sÂmba sEm
brÉque Sim
sInhÔ!!)
perverSa da mercadorÍa míoPe
aleXandrize-se
elÉtroCute-se
pilAteie-se
pilaNtrize-se
faRoeSteie-se
pÚXe-se pelo UmbÍgo
viRando-se pÊlos aVeSSos
mânDe seus inTestÍnos
a esPuma fLoral do sEu seXo
o desVão eVanesCenTe do Verso
prafÔra
dos eiXos
do CinÍsmo manDril
do nosso dia-A-dia BraSiL

POR ACASO, UM AVISO

meus amigos, minha pele parou de funcionar
ela e sua estranha função de suportar
verdamareladamente
dentro de mim minhas entranhas
(como defender-me deste abandono?)

cada sílaba minha virou um embuste
que coleciono como velhas imagens
num álbum de fotografias: flores
que devoraram um instante de luz

meus amigos, por isso, perdão,
não há tabacaria que me salve:
minha pele parou de funcionar.

e não mais como antes executo
meus cabelos: cordas de violino.
hoje sou instrumento etéreo
feito de penas, burocracia e suspiro.

AGROBUSINESS

olha só:
este mal traçado tratado
de sociozoologia,
indica

(contrariando todas as profecias!)

que entre as quietas bolas
que o boi perdeu
pelo bem da manada

– no puro vácuo da dor –
– no silêncio do lunar deserto verde da soja –

bate um país ruminante
ao som do trenzim caipira
do tamanho de um elefante

AUTO-ESCOLA

um apiiito.

é preciso retomar o discurso poético
resgatar as palavras milimétricas e puras
certeiras como o fio dental tutti-frutti
que se passa entre as teclas deste cínico piano

(abra a bolsa pequenina
e dela rimas tire
bebendo o influxo das coisas dolorosas e inalteráveis
moléculas do grito do galo
o chão implausível e cheio de hiatos
das joaninhas, dos gafanhotos, dos escaravelhos
lúcidas e inegociáveis perfeições
isto sim! isto sim! nada mais!)

a hora adianta-se
deponha as armas
ponha-se inteiramente
ao dispor das rosas

PROIBIDO ESTACIONAR

gullar gritou
“no poema
não há vagas”

dei de ombros, parei o verso em fila dupla e disse

“cê não sabe com quem cê tá falando:
com meu poema
não tem problema
desde que virei artista
dou a chave das palavras
para o manobrista!”

o mendigo madrugando
rematou: “tanto!
barulhos por nada”

A CAUSA SECRETA

todo poema é pré

paro

para uma foda

poema é prepúcio preparado na porta de entrada

toda obra é má

(sobra)

feita a foda

só sobra

a manobra

PRA QUE SERVE?

meu coração tu embrulha

pra levar no coletivo
pode ser numa quentinha
num saquinho de quitanda
com laço de fita e flores e vaselina

lá em casa, tu pega este coração

lambuzado coração
cheio de dengo e canção
poesia que ninguém leu

e soca bem de com força
no sacrossanto orifício de Orfeu

ESTÁTUA MORTA

quando me enamorei de ti,
moça linda, sublime e perigosa

(feito a música metálica das vogais
vincadas na cor de tua voz)

foi enfiando mil agulhas
até o fim
de minhas gengivas
que esperei a vontade passar...

não te amo mais
mas não mais posso
– como outrora quis –
mastigar o mundo
pois de minha boca
ou de minha algibeira
tão-só emana o doce
hálito do cínico hábito da dor.

A NÍVEL DE LEI

É que eu fui preso
sem ter porquê
Fiquei meio
abatido
no começo mas no final
me acostumei
A cela é minha
casa
Achei até justo
Somos vermes
miseráveis vermes
de caverna
nada mais

FÉ DEMAIS

não
não acredito nas almas penadas
nem nas penas do filho de deus
e muito menos em deus

não
não sei no que o mundo deu
como a bactéria primeira nasceu
e muito menos onde geme em mim a genética

só

desconfio

que me equi

libro

em pele, ossos, unhas e palavras
armados em palha de aço e algodão
que sussurram mundo adentro
a humana santidade
de minha carne:
metalinguagem de dúvidas e dívidas

FILOSOFICAMENTE PROFUNDO

em 1976,
Martin Heidegger desencarnou
para se encontrar de vez com a

METAFÍSICA

valente Zé Mané,
foi-se
pobre felpa de filosofia
nadificado
enfiar-se
numa nesga
negra
de terra
deu de começar a entender
o materialismo
com a comichão ácida da morte
infernizando-lhe os rins
que aos poucos inutilizavam-se

isso é que é dasein pra valer, hein, ô cara?!
foi lá ele
devagarzinho, de mansinho
destrinchar a sabença do tempo
talvez tarde demais...

Inês é morta, gente boa!

parou duma vez esse seu
sentimentalismo alemão:
todos comem e eu não?!

acho que ele foi ver como é bom
ser homem
bicho bronco que procria
travestido
com o branco da utopia

pra disfarçar a decomposição

foi puxar conversa
no subsolo da cultura
com gente baixa e ignorante

lá foi simb^Óra o filhadaputa –

sete palmos de matéria
bruta
e a fome ontológica
de vermes e bactérias
vão há trinta anos ensinando-lhe

que não basta interpretar o mundo
é preciso transformá-lo!

DO PÓ VIESTES

sentada no centro do salão

de beleza

(!que bíblica certeza!)

após

algumas centenas de reais

a pó

de maquiagem te reduzirás

LONELY DELIVERY

fone na mão
fome...

uma pizza?
ou
uma puta?

na dúvida
estendo
o lençol
na mesa
de jantar

UM ROMANCEZINHO PORTÁTIL

sem querer

– mas o senhor não ficou ofendido com a pergunta, né deputado?

i love you

open your eyes and smile

para essa formosa metamorfose

a brilhar atrás da minha braguilha

foi bom pravocê?

pra mim também não

eu sei que vou te amar

vou dêxá teu couro

todo

cubrido de ouro

vingança

não deixa não, é?

então vou enfiar

seu cuzinho

no meu poema

latrocínio

abre a bolsa

e fecha os olhos

15 SEGUNDOS DE FAMA

aquele homem está gordo, muito gordo
sua intermitentemente e permanece sempre 100% úmido
o pequeno carro que dirige sofre com seu tamanho
e ele volta do trabalho pensando em não mais viver.

o estilista discorre de forma eloqüente durante alguns minutos
sobre vermelho, verde e laranja
elogiando o sublime da rebeldia elegante de che guevara.

eu não posso mais viver com você, avelina (avemaria!)
mis en abîme, meu bem – bolero/samba/funk
– que perigo é a gente se perder! –
você fica com a casa, eu viro a casaca.

sentada no meu colo, a ninfeta se impressionava
com as fotos dos corpos esquartejados pela bomba terrorista
que saíram sem censura na revista semanal de circulação nacional.

mas, wanderlúcia, comporte-se como a virgem que tu é!
Não quero chocar, que isso é com as galinhas... que juventude
[é essa?

o triste velho de cavanhaque (cujos pêlos brancos eram mais
[tristes ainda)
lia um poeta da europa oriental e lembrava-se de que um dia
(de grandes chuvas sobre a cidade imunda)
sonhou ser presidente da república federativa do brasil.

– e ela morreu assim jovem?
– não... setenta e três... o que é a vida, né?
também escondeu como pôde suas cores espasmódicas, a angústia
e os salões enfumaçados que viviam encravados em seus olhos.

não! apenas para dizer, não! pois é preciso dizer não!
eles pareciam contentes, mas não houve nada
de abraços, lágrimas, gritos de alegria e coisas desse tipo.

não fala pra ninguém não
mas eu carrego comigo
um membro meio apodrecido
que cheira a insetos, sangue e hortelã.

ESTRELAS SÃO BOLAS DE GÁS

O homem do gás
Francisco
ia de moto
libra de nascimento
equilibrando
três bujões capacete
No celular
tava combinando outra
entrega
aqui nessa galáxia
mesmo
O sol cravou num retrovisor
astro rei astrologia
Na frente da escola primária
o 4 x 4 esmagou ele
mas nenhum bujão
explodiu

SE EU MORASSE NA FINLÂNDIA

colheria, no caminho calçado (há seis séculos),
um cravo de tons e semi-tons de azul
se eu morasse na finlândia,
usaria uma camisa rosa (de botões amarelos),
uma calça esvoaçante e sandálias, principalmente sandálias
se eu morasse na finlândia,
faria poemas, leria filosofia, iria ao teatro
e tomaria vinho em um bar com mesinhas de madeira
[brasileira
se eu morasse na finlândia,
faria palavras cruzadas, trataria da próstata com fleuma
sentiria uma saudade danada do calor e me mataria com
[13 anos
se eu morasse na finlândia,
escreveria um romance de ficção científica que falaria
de uma terra em que as mulheres tivessem uma grande
[bundamulata
se eu morasse na finlândia
teria uma loja de heráldica e venderia antiguidades
a preço de fla X flu no maracanã
se eu morasse na finlândia,
minha cabeça estaria no lugar; minha alma, mais pura;
meu cabelos, mais loiros; minha tristeza, mais profunda;
[meu salário, maior
se eu morasse na finlândia,
meus poemas não teriam começo
nem meio, nem fim
se eu morasse na finlândia,
criaria um país cheio de espelhos e folhas verdes
nem que fosse no gélido rio que correria dentro de mim

LUMINÁRIA

esta lua de inverno
cárie na boca do sertão
na escuridão torta e estatelada
é o nosso pobre sol de maiakóvski
rodela de prata
vintém terrorista
detergente
proletária
solta lá no céu é só uma gravura na sala de estar periférica
um desagravo – desagregado SATÉLITE
ofuscada e fraca parece que pisca
mas luminará para toda a ETERNIDADE!
que ela brilhe mais que a fome, que a seca e que a morte
!que seja ela o lema que me leva!
vá pra^ôra,
!PRO ESGOTO
o oco negro que me chama
do shamisem de chamadas de Times Square!

DESQUITE

vão, minhas canções,
vão simb^ora
que este pilati
nem vale cem pilas
é só um ninguém
cravejado de agravos
e decepções

vão, vão lutar 10 rounds
com jesus cristo
vão rebentar a teia
e a manha
do homem-aranha

vão levar a pedra
pra riba do aclave
vão fundar um vértice
cheio de artifícios
festejar a insanidade
do tio sam
numa cerimônia vodu

vão, vão acabar
com as pretensões
do poeta nacional
e dizer: “ezra uma vez,
tem mais não!”
vão sorrir seus molaes
de nitroglicerina
e confetes

vão, minhas canções,
e ofereçam sexo barato
na estrada aos viajantes
ofereçam perdão aos padres
eles não sabem o que fazem

vão, vão simb^ora
ser camisa-de-força
para os crânios
mais escrotos
vão pular pela janela
se afogar a fórceps
no paranoá

vão iluminar
com plumas e paetês
o corpo dos mendigos
que vivem em nossos romances
vão cobrir os olhos
dos pobres com lantejoulas
para ver se eles brilham
no escuro

vão descobrir enfim
por que a Folha de São Paulo
jamais entenderá
os mil homens
que me tornei

vão, que eu fico
por aqui palitando

os versos e morrendo
de amores pelas maiores
maldades que cometi

ALEXANDRE PILATI nasceu em Brasília, DF.
É poeta e doutor em literatura brasileira.
Contato: alexandrepilati@uol.com.br.

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO SOBRE PAPEL
PÓLEN BOLD 90G/M² (MIOLO) E
CARTÃO PAPIRUS 280G/M² (CAPA) PELA
IMPRINTA EXPRESS GRÁFICA E EDITORA LTDA
PARA VIVEIROS DE CASTRO EDITORA
EM ABRIL DE 2007.